

A ofensiva conservadora ao pensamento de Antonio Gramsci e o Serviço Social brasileiro¹

The conservative offensive to the thought of Antonio Gramsci and Brazilian Social Work

Eliana Andrade da Silva*  

Resumo: Este artigo analisa como a ofensiva conservadora sobre o pensamento de Antonio Gramsci atinge o Serviço Social brasileiro. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados indicam que esta ofensiva objetiva desconstruir o legado de Gramsci, através de deturpações e desqualificação de sua vida e obra. Concluímos que no âmbito do Serviço Social, este movimento ocorre através da emergência de um embate de ideias que põe em xeque a direção ético-política profissional. Essas tendências se apresentam no Serviço Social, reatualizando ideais conservadores na profissão, como anti-intelectualismo, neutralidade política, hipervalorização da empiria e do pragmatismo.

Palavras-chaves: Serviço Social; Conservadorismo; Marxismo cultural; Gramsci.

Abstract: This article analyzes how conservative offensive against the thought of Antonio Gramsci impacts Brazilian Social Work. The methodology used was bibliographic and documentary research. The results indicate that these offensive aims to deconstruct Gramsci's legacy through distortions and the disqualification of his life and work. We conclude that in the field of Social Work, this movement manifests through the emergence of a clash of ideas that challenges the profession's ethical-political direction. These tendencies appear in Social Work, by reviving conservative ideals in the profession, such as anti-intellectualism, political neutrality, and the overvaluation of empiricism and pragmatism.

Keywords: Social Work; Conservatism; Cultural Marxism; Gramsci.

Introdução

O mundo experimenta hoje uma crise. Trata-se de uma particular crise do capital, a qual podemos considerar como uma crise orgânica. É necessário salientar que as crises não são uma novidade para a sociabilidade burguesa, mas são parte constituinte do sistema do capital e de sua reprodução. Segundo Antonio Gramsci, o desenvolvimento do capital foi constituído por

¹ Este artigo toma por base as reflexões de Silva (2022) tecidas no texto intitulado “Gramscismo” e “Marxismo Cultural”: os novos objetos de disputa de hegemonia, publicado no III Colóquio Internacional Antonio Gramsci em São Luís, MA.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: eliana.silva@ufrn.br

uma crise contínua e, sendo assim, a crise envolve permanências e rupturas de determinados elementos constituintes de seu funcionamento. É, pois, neste contexto da atual crise estrutural do capital que observamos o avanço do pensamento conservador² contra o pensamento social crítico, especialmente contra as ideias e a obra de Antonio Gramsci. Este processo tem reflexos no Serviço Social, o qual se aproxima das concepções do referido autor a partir da década de 1970. As consequências desta ofensiva podem ser observadas na articulação de setores oponentes à direção social estratégica construída após a Renovação profissional, reivindicando a despolitização da profissão, ao mesmo tempo que propõe uma retomada de um discurso tecnicista, bem como a atualização de bases filosóficas já superadas na trajetória do Serviço Social.

Para análise desta processualidade, partimos do pressuposto que a referida crise econômica tem se constituído em um cenário propício para uma ofensiva ideológica e teórica de cariz conservador, que se amplia ao nível mundial, retomando velhos discursos como o anticomunismo, o antimarxismo, o anti-intelectualismo, bem como a neutralidade política. Estas tendências se observam no Serviço Social através do questionamento à direção social estratégia da profissão (projeto ético político) e na crítica à adoção do marxismo como perspectiva teórica hegemônica.

Paralelo a isto encontra-se em desenvolvimento um empreendimento ideopolítico de vulgarização da trajetória política e filosófica obra de Antonio Gramsci como parte de um movimento global de embate hegemônico que ocorre na base estrutural da sociedade e que se articula dialeticamente à esfera do Estado, à produção de conhecimento e à política. Tais tendências conservadoras vêm elegendo Antonio Gramsci como “inimigo político da ordem” e responsável por uma suposta “revolução cultural gramscista” que estaria em curso no Brasil.

De forma geral os determinantes que geram esses processos estão ligados ao contexto de contradições advindas da crise capitalista em curso, tendo em vista que a ordem burguesa ao se defrontar com seus paradoxos internos elabora múltiplos mecanismos para sua resolução e, ao sentir-se ameaçada, aciona elementos irracionais aderindo a um movimento de “abandono da razão” (Coutinho, 2010). É no bojo deste cenário que este artigo se propõe a analisar como a ofensiva conservadora ao pensamento de Antonio Gramsci e impacta o serviço social brasileiro. Para elaboração deste texto recorreremos à pesquisa bibliográfica e documental.

Para efeito de exposição, este artigo encontra-se estruturado nas seguintes sessões: 1) Introdução, 2) “Gramscismo” e “marxismo cultural”: os novos objetos de embate hegemônico,

² O pensamento conservador supõe uma forma peculiar de pensar e de vivenciar o mundo. Caracteriza-se por uma celebração do modo de vida do passado como referência para os dias atuais.

3) Desvelando o marxismo cultural: origens históricas e expressões atuais, 4) Antonio Gramsci e seu legado para o Serviço Social, e 5) Considerações finais.

“Gramscismo” e “marxismo cultural”: os novos objetos de embate hegemônico

As contradições advindas da crise capitalista em curso no globo têm criado circunstâncias que levam a sociedade a defrontar-se com os paradoxos da ordem burguesa. O ambiente de crise econômica, a fragilização das condições materiais da vida das classes subalternas, as estratégias de desregulamentação do trabalho, a hegemonia do capitalismo financeiro são algumas das expressões do cenário de crise do capital. É neste contexto de crise geral e de acirramento das contradições entre a superestrutura e a estrutura com indicativos de uma crise orgânica³ do capital, que podemos situar o processo de negação da razão e de ataques à ontologia materialista e dialética como fortes ofensivas à obra de Antonio Gramsci (e com desdobramentos posteriores no Serviço Social).

Em termos históricos, a recorrência a Gramsci como um “perigo” para a sociedade não é uma novidade. Inclusive, durante o processo político que o leva ao cárcere na Itália fascista de seu tempo, sob o comando de Benito Mussolini, o pensador sardo foi considerado uma ameaça política ao regime autoritário que se instaurou no país. O “risco” que Gramsci representava ao fascismo estava ligado à sua atuação político-partidária e parlamentar, bem como à sua produção intelectual de caráter crítico – o que inicia uma séria perseguição política contra o mesmo, que passa a ser alvo constante do governo de Mussolini, sobretudo a partir do aprofundamento do regime autoritário em 1926, resultando em seu encarceramento no mesmo ano.

Cumprе notar que Gramsci (e a tradição intelectual crítica), ao longo da história, tem se tornado para os grupos dirigentes um intelectual que representa um risco político à correlação de forças existente. A título de exemplo, as preocupações de Ronald Reagan, ex-presidente dos Estados Unidos, com o avanço das ideias comunistas na América Latina, levaram-no a solicitar a elaboração, na década de 1980, do documento Santa Fé I, através do qual se pronunciara sobre os riscos da influência do pensamento marxista e dos “Estados totalitários” e os supostos riscos da ameaça comunista no continente, referindo-se especialmente a Cuba e Nicarágua. As

³ Segundo Antonio Gramsci, o capitalismo foi constituído por uma crise contínua, de modo que envolve permanências e rupturas de determinados elementos constituintes de seu funcionamento. A crise orgânica é, portanto, a convergência entre crise econômica e crise política, processo no qual se ampliam as contradições na relação entre superestrutura e estrutura. Distinta da crise conjuntural, a crise orgânica é caracterizada por sua amplitude e profundidade, momento no qual a quantidade cede lugar à qualidade (Gramsci, 2024b).

preocupações americanas se estendem por toda a década, de forma que, no documento Santa Fé II, elaborado em 1988, a recorrência às ideias de Gramsci é literal e direta:

El importante e innovador teórico marxista que reconoció la relación de los valores que la gente observa en la creación del régimen estatista fue Antonio Gramsci (1881-1937). Gramsci afirmaba que la cultura o el conjunto de valores de la sociedad mantienen primacía sobre la economía. Según Gramsci, los trabajadores no conquistarían el régimen democrático, pero los intelectuales sí. Para los teóricos marxistas, el método más prometedor para crear un régimen estatista en un ambiente democrático era a través de la conquista de la cultura de la nación (Bouchey *et al.*, 1988, p. 2⁴).

Dessa forma, as ideias de Antonio Gramsci tornam-se objeto de análise do pensamento conservador americano e são inseridas em um quadro teórico denominado de “ofensiva cultural marxista”. A elaboração destes documentos dá-se em um contexto de crise e declínio da experiência da União Soviética, em plena Guerra Fria, momento no qual havia uma expectativa de avanço da hegemonia americana sobre o mundo. A dissolução da URSS detonou um movimento intelectual antimarxista e anticomunista, abrindo espaço para elaborações pós-modernas e irracionais. Entretanto, passada a guerra fria, quais os determinantes que recolocam Gramsci na agenda nacional (e internacional), tornando-se atualmente um teórico recorrentemente citado por diversos intelectuais do espectro conservador?

Para tentar responder a esta indagação, recorreremos à estrada pavimentada por Gramsci (e por Karl Marx), adotando a crise como critério analítico, bem como consideramos que a formação social de cada país gera processos particulares de detonação e expressão da crise orgânica. Dessa forma, é preciso demarcar que a realidade latino-americana do início da década de 2000 é marcada por um período de crise econômica e social, resultante da implementação da política neoliberal iniciada na década anterior. Os índices de desigualdade social e de pobreza avançavam, ao passo que medidas de flexibilização da produção desencadearam um quadro de desemprego estrutural. Em tal contexto, observa-se no cone sul o fenômeno denominado de “maré rosa” (eleição de governos populares no Brasil, na Venezuela, na Bolívia, na Argentina). A constituição destes governos passa a reacender as preocupações dos EUA e das elites econômicas locais tuteladas pelo imperialismo americano. É, portanto, nesse contexto, que no Brasil alguns intelectuais conservadores passam a confrontar as elaborações de Gramsci.

Não estamos tratando de um grupo homogêneo, mas de atores de diversos grupos sociais de estrato conservador (ativistas, professores, jornalistas, padres, militares), cujo ponto de

⁴ Santa Fé II, denominação utilizada pelos elaboradores do referido documento. Para aprofundar este tema, conferir o site: https://www.oocities.org/proyectoemancipacion/documentossantafe/documentos_santa_fe.htm. A consulta foi realizada em 10 de junho de 2025.

convergência é a batalha contra o “marxismo cultural”⁵, do qual consideram Gramsci o maior expoente.

Um dos argumentos utilizados pelos conservadores ao pensamento de Antonio Gramsci é que a sociedade estaria experimentando uma “guerra cultural” e uma “nova luta de classes”, na qual o “Marxismo Cultural” seria a estratégia ideopolítica de conquista do poder. Segundo os intelectuais do espectro conservador, o “marxismo cultural” ou “novo evangelho de esquerda” substitui o protagonismo do proletariado pela afirmação dos intelectuais como sujeitos de destaque, o que resultaria em uma invasão deste (“marxismo cultural”) nos meios de comunicação, na universidade e na cultura em geral. Um dos objetos do embate de ideias é utilizar a noção de “marxismo cultural” como cerne da crítica ao pensamento de Antonio Gramsci⁶. Para os conservadores, um dos objetivos do “marxismo cultural” é se ampliar em escala mundial e dominar os governos e, neste processo, os intelectuais teriam papel fundamental. Já a noção de “Gramscismo” é utilizada pelos críticos do pensador Sardo para referir-se às estratégias políticas elaboradas por ele nos *Quaderni del Carcere*. Neste aspecto destacamos a presença de Coutinho⁷ (2002, p. 9), na elaboração desta ideia, ou seja, “a concepção e estratégia desenvolvidas nos cadernos é o que podemos chamar de Gramscismo, ou mais abrangentemente de Marxismo-Gramscismo ou Gramscismo seria uma superação do marxismo-leninismo”. Diante destas evidências, entendemos que os termos elaborados por estes críticos de Gramsci seriam uma forma de deturpação de suas elaborações teóricas e de suas estratégias políticas.

No Brasil, o discurso do “marxismo cultural” e do “Gramscismo” são contemporâneos aos governos de Luís Inácio da Silva⁸ e Dilma Rousseff. Para setores conservadores estes governos e suas políticas de transferência de renda, de cotas raciais, de igualdade de gênero, de

⁵ Utilizaremos o termo marxismo cultural com aspas para destacá-lo como um termo que necessita ser analisado e adjetivado. Este esforço analítico será realizado ao final deste artigo.

⁶ Além de Antonio Gramsci, a produção teórica da Escola de Frankfurt também foi eleita como um dos pilares da crítica dos intelectuais conservadores, pois atribuem a esta escola a origem do “Marxismo Cultural”, dado que seria uma instituição comunista (Costa, 2020).

⁷ Sergio Augusto Avellar Coutinho (Faleceu em 2011) foi um militar da brigada reformado, considerado em seu meio como um importante pensador militar. Em sua biografia consta a publicação de vários títulos, os quais foram editados pela biblioteca do Exército. Dentre os quais se destacam “*Cadernos da Liberdade - Uma visão do mundo diferente do senso comum modificado*” este livro foi reeditado com o título “*Cenas da Nova Ordem Mundial*”. Consta ainda a obra “*A revolução Gramscista no ocidente: a concepção Revolucionária de Antonio Gramsci e os cadernos do Cárcere*” (Coutinho, 2002). Nesta obra, o referido autor esboça suas críticas às estratégias de tomada de poder de Antonio Gramsci e seu papel no “Marxismo Cultural”.

⁸ Nos referimos ao primeiro e ao segundo mandato do presidente Luiz Inácio da Silva (2003-2010). Em 2023, inicia seu terceiro mandato como presidente da república. No que se refere à Dilma Rousseff, a mesma cumpriu o primeiro mandato entre 2011 e 2014 e venceu as eleições em 2014 e tomou posse, mas foi impedida em 2016 de exercer seu mandato em virtude de um processo de impeachment.

visibilidade das pautas identitárias, bem como as políticas externas de aproximação com países como China, Rússia, África do Sul e Índia⁹ foram detonadoras de críticas de distintos matizes do bloco conservador, incomodados, seja com aspectos morais (religiosos de igrejas católicas e neopentecostais), seja com decisões econômicas (empresários e partidos conservadores), seja com a direção da política externa brasileira (especialmente setores dos grupos militares). Para este bloco conservador, estaria em curso no Brasil uma “revolução socialista democrática e silenciosa”, capaz de transformar o país em uma espécie de “revolução Bolivariana” aproximando-nos de uma experiência como a cubana ou venezuelana. Sob esta ótica, Gramsci¹⁰ (e seu “marxismo cultural”) seria o autor que ofereceria o fundamento teórico para a implementação das políticas econômicas e sociais em curso entre os anos de 2004 e 2016 – durante a vigência dos primeiros governos do Partido dos Trabalhadores.

Nesse sentido, os traços do discurso conservador são: oposição à tradição marxista, operações de deformações das ideias de Karl Marx e de Antonio Gramsci, apresentação de uma anacronia histórica, em reeditar uma suposta “ameaça comunista” em curso, bem como defesa da economia liberal capitalista como mais adequada à sociedade. Trata-se, portanto, de uma reedição de discursos e práticas políticas do passado que se atualizam na cena contemporânea, sob nova aparência.

É com base nas premissas e considerações discutidas até aqui que no item a seguir apresentaremos as origens do denominado marxismo cultural e suas expressões.

209

Desvelando o marxismo cultural: origens históricas e expressões atuais

O caminho que percorremos até aqui nos permite avançar na crítica ao “Gramscismo” e ao “marxismo cultural”. Dessa forma, partimos do brilhante ensaio da historiadora Iná Camargo Costa (2020) o qual nos revela as bases históricas desta denominação e nos adverte que:

marxistas que honram a própria tradição não podem aceitar a caracterização do Marxismo Cultural formulada pelo inimigo, assim como Marx e Engels e os companheiros da Liga Comunista não aceitaram o fantasma brandido pela santa aliança anticomunista do século XIX e por isso em 1848 redigiram o histórico Manifesto do Partido Comunista justamente para definir comunismo nos seus próprios termos (Costa, 2020, p. 13).

⁹ Estes países constituem o chamado BRICS – grupo de países emergentes em desenvolvimento formado por Brasil, Rússia, China entre outros.

¹⁰ Em recente levantamento realizado pela IGS Brasil sobre a divulgação do pensamento de Gramsci os resultados indicam até 2019 havia um total de 1.214 (mil duzentas e quatorze) publicações, sendo 706 (setecentos e seis) livros, capítulos de livros e artigos científicos publicados, e 508 (quinhentas e oito) teses e dissertações defendidas.

Do ponto de vista histórico, o marxismo cultural encontra suas bases no programa nazista, especialmente no que se refere ao anticomunismo¹¹. Na década de 1990, a rearticulação da denominada “nova direita americana” empreende esforços, no sentido de uma contraofensiva aos avanços das conquistas civis dos grupos identitários nos EUA. Data desta década a denominação “marxismo cultural” e “seus primeiros usuários são cristãos fundamentalistas, ultraconservadores, supremacistas – enfim, a extrema-direita estadunidense” (Costa, 2020, p. 38). A versão atual deste grupo mostra-se mais ameaçadora, tendo como porta-vozes do combate ao “marxismo cultural” Steve Bannon¹² e Jordan Peterson¹³, os quais tem utilizado as redes sociais como espaço de difusão de ideologia. Dessa forma, recorreremos à análise de Costa (2020) para argumentar que, sob um prisma histórico-crítico, o “marxismo cultural” é tão somente uma subespécie resultante de operação ideológica equivocada de fusão entre Marxismo ocidental e materialismo cultural¹⁴.

De forma similar, podemos concluir que a criação da ideia de Gramscismo seria igualmente um subproduto do “marxismo cultural”, destinado especificamente à descaracterização das concepções elaboradas por Antonio Gramsci. É possível assinalar ainda que a criação destes mitos (“Gramscismo e marxismo cultural”) compõem uma estratégia mais ampla de desqualificação da tradição marxista, imputando-lhe uma falsa oposição entre marxismo econômico e marxismo cultural. Ou seja, uma negação da articulação dialética entre os momentos da economia, da política e da cultura.

Estas tendências se articulam a um movimento global, identificado como uma “onda conservadora”, nos termos de Demier e Hoelever (2016), que se expressa tanto na esfera econômica, como na esfera superestrutural. Constituem parte da reação burguesa, na qual a

¹¹ Em documento histórico intitulado *Minha Luta* (*Mein Kampf*, 1933), Adolf Hitler aponta o marxismo como inimigo na sociedade alemã e o bolchevismo cultural como expressão estratégica de uma “conspiração judaica”. Outra determinação histórica importante, assinalada por Costa (2020), é encontrada nos Estados Unidos no período que se seguiu à Revolução de outubro de 1917 (Rússia). Denominada de *Espionage Act (1917)*, esta operação foi destinada a perseguir e punir militantes de esquerda. Outras iniciativas de mesmo espectro que se inscrevem no *Red Scare* americano se desenvolvem entre os anos de 1930 e 1960, constituindo uma guerra política e cultural de viés anticomunista.

¹² É apresentado como um estrategista e assessor político. Atuou em várias campanhas eleitorais no mundo. Elaborou uma estratégia de campanhas, utilizando as redes sociais como principal meio de comunicação. Desempenhou função de assessor no governo Donald Trump. Foi preso em 2020 por fraude financeira.

¹³ Jordan Bernt Peterson é um psicólogo clínico canadense. É professor de psicologia da Universidade de Toronto e se apresenta como crítico do “politicamente correto” e do “esquerdismo”.

¹⁴ Além do debate frankfurtiano, nos pós-Segunda Guerra, a publicação da obra gramsciana fomentou instigantes produções sobre a relação entre marxismo e cultura, como as de Raymond Williams, que cunhou o vocábulo “materialismo cultural”. Progressivamente, intensificaram-se os estudos culturalistas, por norma vinculados às tendências pós-modernas, apartadas da concepção materialista da cultura presente em Gramsci e na tradição marxista. Ativistas como Paul Weyrich e William S. Lind, anteriores a Steve Bannon, foram ferrenhos combatentes das vertentes culturalistas e propagadores dos perigos do marxismo cultural.

eleição de governos ultraconservadores, a ampliação da xenofobia, a defesa moral do mercado, as pautas pró armamentistas e o fundamentalismo religioso são algumas das tendências de fortalecimento de um conservadorismo de novo tipo, que se espraia pelo globo e chega ao Brasil, denotando características particulares, tais como, a associação do liberalismo econômico (discurso da austeridade fiscal) com conservadorismo moral.

O contexto contemporâneo faz emergir um conservadorismo à brasileira, fortemente enraizado no conservadorismo americano, que se fortalece no país, a partir de 2013, através das manifestações de junho sob a direção da “nova direita” – denominação utilizada para referir-se a grupo que se articula no contexto de crise política e econômica generalizada, no sentido de avançar as pautas econômicas, baseadas nos princípios ultraliberais, adicionando os componentes ideológicos do discurso conservador de defesa dos valores da família, da pátria e da religião, apelo ao militarismo e pró armamentista (Lacerda, 2019).

É no referido cenário que intentamos analisar alguns elementos do legado de Antonio Gramsci para o Serviço Social, bem como desenvolveremos as análises sobre como ofensiva conservadora às ideias do pensador sardo se expressam no Serviço Social brasileiro, ameaçando a direção hegemônica estratégica e abrindo na profissão um embate hegemônico distinto daqueles já existentes.

Antonio Gramsci e seu legado para o Serviço Social

O pensamento de Antonio Gramsci só pode ser compreendido a partir das referências que este vai buscar no pensamento marxiano. No âmbito da tradição marxista, Gramsci promove um desenvolvimento e uma renovação de alguns conceitos básicos de Karl Marx, Lenin, Engels, constituindo um movimento de negação/conservação/superação destes. Em termos de sua obra, pode-se indicar que até 1926 observa-se uma assimilação de Lenin e, pós 1926, se apresenta uma “superação dialética” de muitas ideias daquele (Coutinho, 2003).

Para Gramsci o marxismo ou a filosofia da práxis é tida como método para descoberta de novas determinações ou ainda uma filosofia integral que marca o início de uma nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento, ultrapassando o idealismo, o materialismo tradicional, preservando os aspectos essenciais (Simionatto, 2004). Os estudos de Gramsci observam fenômenos que poderiam ser classificados como de interesse das áreas como política, sociologia, antropologia, religião, cultura popular, literatura, linguística, pedagogia e filosofia. Sobre estes temas o autor “tem muito a ensinar aos cientistas políticos, aos sociólogos, aos pedagogos, antropólogos e aos assistentes sociais” (Coutinho, 2003, p. 114).

Segundo Simionatto¹⁵ (2004), a chegada de Gramsci à América Latina já pode ser identificada desde os anos de 1920, por meio de José Carlos Mariátegui. É digno destacar que não há uma recorrência direta às elaborações do pensador sardo, mas este contato se opera por meio de Piero Gobetti.¹⁶ Ao Brasil, Gramsci chega em 1960 através da iniciativa de Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e Luiz Mario Gazzaneo. Neste período, suas ideias não tiveram muita ressonância. Aliado a isto, a obra sofreu deturpações, fragmentação e seleção devido aos interesses políticos, teóricos de seus interlocutores¹⁷. Somente a partir da segunda metade dos anos de 1970, os escritos gramscianos passam a ser amplamente estudados e divulgados. A aproximação de Gramsci ao itinerário ideopolítico do Serviço Social remete ao processo de Renovação desta¹⁸ profissão, momento no qual esta realiza questionamentos sobre seus fundamentos teórico-metodológicos, ético-políticos e técnico-operativos.

Na década de 1960, algumas ideias de Antonio Gramsci já circulavam pelo Brasil, quando o Serviço Social apenas iniciava sua jornada de enfrentamento ao tradicionalismo e ao conservadorismo¹⁹. No entanto, a década de 1970 traz modificações à direção profissional, não obstante, se reproduzissem as iniciativas repressivas por parte do Estado. Marcante iniciativa na perspectiva de crítica ao projeto modernizador pode ser observada na experiência elaborada na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais. Trata-se do conhecido

¹⁵ Em levantamento realizado por Simionatto (2004) a autora distingue dois momentos da chegada das concepções de Gramsci: a) publicações da década de 1960 produzidas por Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e Michael Lowy e Otto Maria Carpeux; b) publicações da década de 1970 que, na década seguinte se ampliam, representando um novo patamar de produções sobre a obra do autor sardo. São listados neste grupo autores como Demerval Saviani, Moacir Gadotti, Paolo Nosella, Edmundo Fernandes Dias. Na passagem da década de 1970 para 1980, no contexto da reabertura política, ocorre uma nova iniciativa de inserção das ideias de Gramsci, agora com bastante influência, colaborando para que o autor se torne referência teórica para várias áreas de saber. Na ótica de Simionatto (2004), é nesta fase que o pensamento de Gramsci será incorporado de forma global e mais apropriada.

¹⁶ Piero Gobetti foi um símbolo da luta contra o fascismo na Itália. Após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser comumente associado à figura de Antonio Gramsci nos debates sobre a democracia e o socialismo na Itália.

¹⁷ Segundo Coutinho (2003), no período entre 1966 e 1968 – em meio as constrições do ciclo autocrático burguês, algumas das mais importantes obras de Gramsci foram publicadas em solo brasileiro. A decretação do AI 5 torna desfavorável o ambiente para tornar públicas suas ideias, deixando suas obras sob uma sombra de um desconhecimento momentâneo. Simionatto (2004) destaca que no Brasil as ideias de Gramsci no interior da esquerda brasileira que era influenciada pela Terceira Internacional, ou seja, pelo Marxismo-leninismo).

¹⁸ Conforme análises de Paulo Netto (2005) a Renovação do Serviço Social no Brasil se opera a partir de três vertentes: Modernizadora (referenciada na matriz funcional-estruturalista, Reatualização do conservadorismo (referenciada na matriz fenomenológica) e na Intenção de Ruptura (referenciada na matriz marxista).

¹⁹ Sob o contexto da Ditadura Civil Militar iniciada em 1964, a profissão encontra nas formulações da matriz estrutural funcionalista as respostas às preocupações com o aperfeiçoamento do instrumental técnico e operativo, especialmente com seus métodos de atuação. A sistematização destas preocupações ficou conhecida como Documentos de Araxá (1967) e de Teresópolis (1970) – ambos filiados à tradição funcionalista norte-americana. Conforme Simionatto (2004), estas formulações não ultrapassam as tendências conservadoras que marcam o passado da profissão e estabelecem vínculos entre o Serviço Social e o projeto da autocracia burguesa.

Método de Belo Horizonte²⁰ elaborado entre os anos de 1972 e 1975, no âmbito desta universidade, sob a perspectiva de experimentação de um projeto de Serviço Social distinto daquele marcadamente acrítico e funcional ao regime autoritário. Este período constitui um marco para a entrada do pensamento marxista no universo temático profissional. No entanto, as elaborações de Antonio Gramsci só aparecerão a partir de finais de 1970, especialmente através da intervenção da Professora Creusa Capalbo, quando da realização do Seminário de Sumaré em 1978. O ambiente político e cultural do Brasil, em torno da redemocratização, contribui para que as ideias de Gramsci já circulassem pelo país, sendo as relações Estado e sociedade, a hegemonia e os intelectuais os temas relevantes para a categoria de assistentes sociais. Ao longo da década de 1980, Gramsci foi uma referência importante nos debates políticos e na produção de conhecimentos²¹. Em análise sobre a inserção de Gramsci na produção teórica da área de Serviço Social, Santos (2018) constata que:

Suas ideias foram incorporadas pelo Serviço Social, onde foi possível questionar sobre os referenciais teóricos e suas atuações profissionais, assim como apontar o compromisso do assistente social com as classes subalternas. [...] O pensamento de Antonio Gramsci no Serviço Social tornou-se referência na elaboração de discussões e problematizações das questões que envolvem as esferas econômica, política, cultural e ideológica (Santos, 2018, p. 11-12).

Nesse sentido, o legado do pensador Sardo pode ser identificado com alguns indicativos: a articulação das dimensões da profissão (teórico-metodológica, ético-política, técnico-operativa), a análise em perspectiva de totalidade, o estudo as particularidades do trabalho profissional nas esferas do Estado e da sociedade civil, o exame dos nexos de articulação entre a categoria profissional e a dimensão ético-política dos grupos sociais e a estruturação do projeto profissional (projeto ético-político) são alguns dos legados que o pensamento de Antonio Gramsci forneceu ao Serviço Social nas últimas décadas. De forma geral, podemos afirmar que as ideias de Gramsci colaboraram para que o Serviço Social transitasse para um novo patamar de compreensão das relações sociais e dos nexos entre superestrutura e base material, distanciando-se da abordagem funcionalista, superando equívocos militantistas,

²⁰ Segundo Paulo Netto (2005) o método de Belo Horizonte apresentava-se como uma alternativa global ao tradicionalismo em todas as angulações: teórica, política e na atuação. É, portanto, nesta proposta (Método de BH) que podemos indicar a expressão inicial do projeto de ruptura com o conservadorismo que vigora na profissão desde 1965. Para uma análise aprofundada acerca das contradições em impasses observados na proposta Método de Belo Horizonte consultar Paulo Netto (2005) com sua obra “Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64”.

²¹ Na trajetória de inserção da obra de Antonio Gramsci no Serviço Social, alguns atores (e autores) foram fundamentais. De acordo com Simionatto (2004) podemos indicar que Vicente de Paula Faleiros, Miriam Limoeiro Cardoso, Alba Pinho de Carvalho, Safira Amann, Josefa Batista Lopes, Franci Gomes Cardoso, Marina Maciel Abreu, Ana Elisabete Mota e Angela Amaral são alguns dos nomes mais relevantes nesta empreitada teórica e política.

messiânicos e as fraturas analíticas que acompanharam a profissão no esforço de superação do conservadorismo.

Podemos considerar que uma nova etapa de relação vem se estabelecendo entre o pensamento de Antonio Gramsci e o Serviço Social. Um salto qualitativo vem sendo dado na apropriação das elaborações do referido autor, sobretudo a partir da criação da Internacional *Gramsci Society* (IGS Brasil) em 2015²², organizada no país através do esforço de pesquisadores da área, no sentido de acompanhar as novas tendências dos estudos gramscianos na Itália. No atual contexto, algumas categorias da arquitetura do pensamento de Antonio Gramsci têm sido aprofundadas, inclusive com o recurso das novas traduções no português²³ e espanhol, ou ainda com a leitura dos originais na língua italiana. Através das recentes publicações e intercâmbios entre Brasil e Europa, observamos a participação de grupos de assistentes sociais sintonizados com as recentes discussões, embates e polêmicas que cercam a obra de Gramsci. Destaco as elaborações recentes de Adriano (2020), cuja análises tem defendido a tese de que Serviço Social se constitui como um grupo que assimila a elaboração gramsciana de hegemonia, defendendo a hipótese de “que o Serviço Social se constitui em um intérprete da hegemonia, cuja expressão político-prática reside no projeto ético-político, que tem como referência teórica e política a tradição marxista” (Adriano, 2020, p. 150). Tem sido possível observar uma etapa de aprofundamentos na leitura da obra gramsciana, adotando o método proposto pelo comunista sardo, qual seja: a filologia, capaz de captar não só as definições teóricas, mas a complexa processualidade do ritmo de pensamento e elaboração do autor sardo. Nesse sentido, o método indicado pelo autor dos *Quaderni* indica que a

filologia é a expressão metodológica da importância dos fatos particulares entendidos como “individualidade” definidos e especificados. A esse método, contrapõem-se aqueles dos “grandes números” ou da “estatística”, tomado de empréstimo das ciências naturais ou ao menos de algumas delas (Gramsci, 2004b, p. 36).

Sob a orientação do método filológico, podemos captar o contexto no qual produziu suas ideias e os fatores determinantes e intervenientes de seu tempo, para assim poder traduzir o mais fielmente seu legado teórico e ideopolítico. Portanto, se um diálogo promissor se

²² A IGS Brasil foi criada com a finalidade de divulgar a vida, a obra e o pensamento de Gramsci no Brasil, nos âmbitos intelectual, cultural, político e social. Promover o debate sobre a obra de Gramsci, assim como sobre os grandes temas de natureza política, cultural, intelectual, histórica, sociológica a partir da perspectiva gramsciana em suas diversas vertentes interpretativas.

²³ A IGS Brasil acaba de lançar a nova tradução dos 29 cadernos do cárcere de forma gratuita. Também tem sido mais frequentes a interlocução com Fabio Frozinni e Gianni Fresu – autores de referência nos novos estudos italianos situados na *Università di Cagliari*, os quais vêm empenhando esforços na disseminação de estudos filológicos da obra do autor sardo.

estabeleceu na década de 1970, atualmente uma profícua apropriação da filosofia da práxis está em curso, e, tende a se expandir e aprofundar.

A partir deste legado e das novas prospecções indicadas, recorreremos ao autor para dialogar sobre a categoria hegemonia, dado sua consistência analítica para compreensão dos fenômenos sociais observados. Partimos da premissa gramsciana de que, sempre há uma luta entre duas hegemonias. Para o autor uma questão se coloca: por quê, em algumas situações, apenas uma triunfa? Para Gramsci, Hegemonia significa um determinado sistema de vida moral e concepção da vida (2004b).

Dessa forma, esta categoria é fundante para o debate que ora tecemos, pois é estratégica para analisar a profissão e as tendências macrosociedades (progressistas ou conservadoras), presentes na sociedade, e, como estas impactam a profissão. Nesses termos, coadunamos com Adriano (2020) que as tendências teóricas filiadas à filosofia da práxis são fontes fundamentais para análise e entendimento dos embates hegemônicos contemporâneos.

Segundo Adriano (2020) o Serviço Social no seu processo de revisão crítica, a partir dos aportes da filosofia da práxis, cria as condições de elaboração de uma consciência crítica, além de uma vontade coletiva, resultando na elaboração teórica e prático-política para hegemonia, dotando-a de sentido e direção, consubstanciado no que denominamos de projeto ético-político.

Dessa forma, a profissão situa-se em um contexto mundial marcado por uma crise do capital, pelo avanço das tendências irracionais, bem como pelo ataque aos direitos sociais e econômicos das classes subalternas, em face da ampliação das medidas de austeridade fiscal, expressa pela proposta de um novo arcabouço fiscal,²⁴ implementada recentemente pelo governo de Luiz Inácio da Silva. Aliado a isto, o serviço social brasileiro tem assistido à desintegração dos direitos sociais e trabalhistas dos subalternos há quase uma década, por meio de medidas regressivas como, a contrarreforma da previdência, de 2019, que altera a idade mínima e aumenta o tempo de contribuição para obtenção do benefício: 62 anos, para mulheres; e 65 anos, para homens. Além disso, aumentou o percentual de contribuição, achatando o salário dos trabalhadores. Merece atenção outra ofensiva contra as classes subalternas, sintetizada na Lei n.º 13.467/2017, a qual alterou as diretrizes da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), bem como a Lei n.º 13.429/2017, que trata da terceirização irrestrita, a qual amplia a

²⁴ Esta proposta vem substituir a PEC 95, a qual propunha congelar os investimentos públicos por vinte anos. Em 18/4/2023, o governo apresentou o Projeto de Lei Complementar (PLP 93/2023), denominado de Novo Arcabouço Fiscal (NAF), que institui regime fiscal sustentável para garantir a estabilidade macroeconômica do país e criar as condições adequadas ao crescimento socioeconômico. Assim, o NAF propõe restrição dos gastos primários do governo, caso não atinja as metas de crescimento, atingindo as políticas sociais na redução de investimentos.

precarização na contratação dos trabalhadores, constituindo a arquitetura da contrarreforma trabalhista.

É, portanto, neste contexto de crise e de avanço das tendências ultraliberais e conservadoras que se constrói o cenário de embate hegemônico que incide sobre o serviço social brasileiro. As novas direitas e seu discurso também chegam ao Serviço Social. Nas análises de Alvaro Bianchi (Zambello; Silva; Di Carlo, 2021), é possível denominar de novas direitas porque se trata de grupos heterogêneos: os conservadores tradicionalistas, os ultraliberais e os cristãos fundamentalistas. Emergem nesse campo intelectuais como Ludwig von Mises (articulando as noções de economia, Estado, indivíduo) e Olavo de Carvalho²⁵ como elaborador, disseminador e agitador político.

Silveira (2019), analisando a chegada da nova direita no Serviço Social, indica que seu surgimento está relacionado do avanço do conservadorismo no Brasil e no mundo, e, na particularidade da categoria profissional, esse movimento constitui uma forma de resistência e oposição à direção social estratégica que a profissão assumiu na década de 1980 – denominada de projeto ético político. Sua pesquisa concentra esforços na análise do movimento Serviço Social Libertário, a partir de suas publicações. Tal movimento emerge na rede social Facebook, no ano de 2016, sob o lema “combate ao comunismo” e pelo fim do serviço social politizado.

Comparecem no discurso deste grupo propostas como a defesa da Reforma da Previdência, a defesa da PC 95 (que congela os gastos públicos por vinte anos), bem como pautas de costumes, tais como criminalização do aborto. Silveira (2019) indica ainda que esse grupo se destina a disseminar ideias de segmentos de direita no país, tais como Instituto Milenium, Instituto Von Mises Brasil – os quais se constituem em aparelhos privados de hegemonia, cuja função é a elaboração e difusão de ideologias, principalmente as ideias de intelectuais conservadores como Ludwig Von Mises e Milton Friedman.

Em suas sínteses, Silveira (2019, p. 26) indica que esta tendência sinaliza “uma unidade eclética entre a perspectiva de restauração do conservadorismo na profissão e, as visões de mundo disseminadas pelas elites econômicas, desde 1980, e expostas mais incisivamente na última década”. Este discurso se organiza compilando aportes filosóficos conservadores da

²⁵ Conforme análises de Alvaro Bianchi (Zambello; Silva; Di Carlo, 2021), desde a década de 1980 Olavo de Carvalho faz associações ao pensamento de Gramsci e à trajetória do Partido dos Trabalhadores, sobretudo tendo em vista sua ampliação política e eleitoral no país. No contexto mais recente, antes de sua morte em 2023, se constituía como intelectual da nova direita brasileira. Em 1994, Olavo de Carvalho lançou um livro contra Gramsci – *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*, designando-o como o “profeta da imbecilidade”. Desde então, termos como “gramscismo” “cultura gramscista” ou dominação gramscista da cultura” têm sido utilizados no discurso da direita.

escola austríaca, bem como valores religiosos e são evocadas para uma crítica global da direção profissional.

Portanto, é possível localizar as tendências antimarxistas e anticomunistas (“marxismo cultural e Gramscismo”) no interior do Serviço Social em grupos denominados “Serviço Social Libertário”. Em relação a este grupo, pode-se tematizar criticamente alguns eixos de seu discurso. Segundo as elaborações deste, a adoção da teoria social de Marx como direção intelectual e teórica da profissão é considerada como uma posição “maniqueísta”, pois, segundo seus argumentos, não se teria espaço para outras teorias. Este argumento é falacioso, se considerarmos que durante a formação profissional os alunos/as de Serviço Social se defrontam com as diferentes tradições teóricas das ciências sociais.

Na mesma direção, os adeptos do marxismo cultural “denunciam” o “policiamento ideológico” e o que denominam de “a praga do politicamente correto”, promovendo um discurso que visa a divisão da categoria profissional, gerando a ideia de que não haveria respeito aos “diferentes grupos existentes na categoria”. No interior dessa crítica, há uma equivocada noção de hegemonia que não corresponde àquele presente nas elaborações gramscianas e são expressões da influência de Olavo de Carvalho na “denúncia” contra a “revolução cultural gramscista”. Para este grupo, haveria um “pensamento hegemônico” que não permitiria a liberdade de expressão ou ainda “uma falsa hegemonia”. Este debate remete à assimilação da noção de hegemonia com direção social presente no Serviço Social brasileiro, desde a Renovação Profissional, a qual é legatária da tradição gramsciana e influencia a categoria desde os anos de 1980. Compreendemos Hegemonia como nos ensina o pensador sardo, ou seja, como direção intelectual e moral, constituindo-se como uma categoria dialética que conecta o momento econômico e o momento político, que une as esferas da estrutura e da superestrutura.

Os elementos até aqui expostos nos levam a retomar o pressuposto inicial que a referida crise econômica tem se constituído em um cenário propício para uma ofensiva ideológica e teórica de cariz conservador, que se amplia ao nível mundial, retomando velhos discursos como o anticomunismo, o antimarxismo, o anti-intelectualismo, bem como a neutralidade política e que estas tendências se observam no Serviço Social, através do questionamento à dimensão política da profissão (projeto ético político) e na crítica à adoção do marxismo como perspectiva teórica hegemônica.

Concordamos com Mota e Rodrigues (2020, p. 7) que nos últimos 40 anos a profissão de Serviço Social “avançou na elaboração de uma cultura política e profissional crítica, desempenhando um papel intelectual significativo, no sentido gramsciano”. Assim, os determinantes que explicam a reedição de tendências profissionais do passado, como a que

tratamos neste artigo, podem ser considerados, a partir da detonação de um movimento ideopolítico irracionalista e da agudização da crise orgânica atual. Estes elementos, na particularidade do Serviço Social, fazem surgir segmentos cujos discursos são marcadamente anti-intelectuais e pragmáticos, os quais reivindicam a neutralidade política, a hipervalorização da empiria, reduzindo a profissão ao saber fazer). Observa-se nestes segmentos o anti esquerdismo, o antimarxismo e o anticomunismo, a recorrência aos valores confessionais, além de defesa da sociedade de mercado. Salta aos olhos a aceitação acrítica das modalidades de ensino à distância, na formação profissional, e de “novas” formas de atuação profissional, sob patamares de precarização e exploração desta força de trabalho assalariada, sem que haja resistências políticas a estas determinações. Nesse sentido, concordamos com Mota e Rodrigues ao identificarem que estas expressões ideológicas presentes na atualidade.

Se complementam e se amalgamam em diversas ideologias, teorias e práticas que, além daqueles traços de unidade já destacados no âmbito da profissão, confluem para a negação do marxismo, a despolitização da intervenção profissional e o combate à laicidade do Serviço Social brasileiro (Mota; Rodrigues, 2020, p. 10).

Assim, os novos contornos do embate de ideias no Serviço Social apontam para a dialética de afirmação/negação das sínteses elaboradas pela categoria, a partir dos anos 1980, especialmente sobre a questão da hegemonia com direção social, bem como da manutenção do legado marxiano/gramsciano no seio profissional. Estes embates se observam desde os anos de 1990, mas a forma e o conteúdo assumem novos contornos, mantendo como ponto de continuidade o traço antimarxista. Ou seja, se expressa como uma

ofensiva contra o projeto ético-político do Serviço Social que se expressa de um novo modo: público, aberto e direto, explicitamente avesso à tradição teórica marxista e à cultura profissional laica e progressista, emblematicamente marcada pela virada de 1979 (Mota; Rodrigues, 2020, p. 9).

O atual embate hegemônico é determinado pelo avanço do neoliberalismo, do irracionalismo, da financeirização, pelo avanço do ensino à distância, pela precarização do trabalho profissional e, destacadamente, pelo papel das redes sociais como mecanismos de difusão de ideologias. Aqui neste processo, as novas formas de atuação dos intelectuais conservadores e dos aparelhos privados de hegemonia fornecem os novos contornos da batalha de ideias que se trava no tempo presente, como já analisado por Gramsci em seus escritos.

Diante deste cenário podemos compreender as formas pelas quais as tendências irracionalistas²⁶ avançam na sociedade, contribuindo para que os intelectuais conservadores

²⁶ Em termos históricos, o irracionalismo reaparece no período que compreende a Primeira Guerra Mundial e a derrota do nazismo (1945) e volta à cena no pós-segunda guerra no contexto da guerra fria, dado os “riscos” e

fragmentem as dimensões objetivas e subjetivas, autonomizando esta última – o que se revela na produção e reprodução de “sentimentos” em relação às experiências concretas da vida em sociedade, além da criação de mitos e falsas noções, tais como gramscismo e marxismo cultural.

De forma mediatizada e, guardadas as devidas particularidades, essas investidas irracionaisistas chegam ao Serviço Social de distintas formas e os segmentos críticos da profissão passam a enfrentar os embates ideológicos, políticos e teóricos com segmentos e perspectivas de matriz antiesquerdista, antimarxista e anticomunista. Para enfrentar este avanço conservador, os setores críticos da profissão, têm resgatado os acúmulos teóricos e políticos alcançados nas últimas décadas, buscando substrato na fecunda tradição marxista, especialmente no legado gramsciano, para responder ao tempo presente e suas condicionantes. Assim, a profissão de Serviço Social mantém a tradição crítica e segue atenta às armadilhas contemporâneas, sem recair em equívocos reducionistas e simplificadores do real. Por fim, resgatamos as prospecções elaboradas por Paulo Netto (1996), ao indicar o aprofundamento da diferenciação profissional, indicando algumas linhas de desenvolvimento: a) manter-se a continuidade da vertente de Intenção de Ruptura baseada na tradição marxista; b) registro de vertente de cariz tecnocrático, herdeira da perspectiva modernizadora em vigor entre 1960-1970; c) a persistência de vertentes ligadas a um tipo de conservadorismo tradicionalista nos moldes da reatualização do conservadorismo; d) emersão de vertentes neoconservadoras de matriz pós-moderna; e) emergência de vertentes aparentemente radicais, inspiradas em um anticapitalismo romântico com apelo a valores religiosos.

A realidade contemporânea indica que as disputas hegemônicas presentes no serviço social colocam na ordem do dia o desafio de manter o legado da Intenção de Ruptura – ambiente no qual o pensamento de Antonio Gramsci se insere. Portanto, a ofensiva sobre o pensamento do referido autor, sob a forma de antimarxismo, presente nas vertentes opostas à direção estratégica, abre espaço para as vertentes conservadoras, sejam aquelas fundadas na ótica liberal, seja aquelas marcadas por um conservadorismo moral e religioso. De forma geral, a tarefa intelectual e política é manter as conquistas e o legado da história sem ceder espaços aos

“perigos do comunismo. Portanto, este é o espírito do tempo presente que se amplia na sociedade, produzindo impressões, sensações, sentimentos e afetos que, em um processo de autonomização, se descolam da materialidade dos fatos e de ênfase na esfera subjetiva, produzindo ambivalência: segurança e angústia. Portanto, se a atual fase do capitalismo é marcada por uma intensa crise estrutural, os sentimentos e afetos produzidos tendem a expressar angústia, medo, insegurança, ódio, entre outros sentimentos. Estas tendências se verificam na elaboração dos intelectuais em tempos de crise capitalista, de forma que estes podem experimentar, diante do real, uma sensação de “angústia”, ou uma sensação de “segurança”. E, de acordo com isso, elaborarão, proposições filosóficas preponderantemente irracionaisistas ou pseudorracionaisistas (Coutinho, 2010, p. 62).

mitos que a contemporaneidade insiste em construir para apagar o passado de lutas e conquistas que essa categoria trouxe até aqui.

Considerações finais

A trajetória de análise neste artigo inicia com a observação da realidade de que, no atual cenário de crise orgânica do capital, novas tendências se observam nas relações entre os grupos sociais, na forma de produzir a riqueza social e na superestrutura da sociedade.

Assim, caminhamos orientados pelo pressuposto que a referida crise econômica tem se constituído em um cenário propício para uma ofensiva ideológica e teórica de cariz conservador, que se amplia ao nível mundial, retomando velhos discursos como o anticomunismo, o antimarxismo, o anti-intelectualismo, bem como a neutralidade política. Estas tendências se observam no Serviço Social, através do questionamento à direção social estratégia da profissão (projeto ético político) e na crítica à adoção do marxismo como perspectiva teórica hegemônica.

Neste embate hegemônico atual observamos a movimentação de grupos sociais e intelectuais conservadores (ativistas, professores, jornalistas, padres, militares), cujo ponto de convergência é a batalha contra o marxismo cultural – objeto de disputa elaborado pelas novas direitas que se alastram dos Estados Unidos para todo o globo. Percorremos o trajeto deste mito fundante que dá o tom do discurso dos grupos dirigentes na batalha cultural, visando ampliar seu domínio e direção. Um projeto econômico liberal que se esconde atrás de um discurso de costumes, de comportamentos e de valores tradicionais. Assim, a burguesia, ao implantar a austeridade econômica e fiscal e destruir direitos sociais, o faz com apelo à família, à pátria e a Deus.

A guinada do mundo à direita também se expressa no serviço social, atingindo setores estudantis e profissionais. A profissão, como partícipe da sociedade, recebe as influências do momento de regressividade histórica. Estes influxos têm sido mapeados pelos intelectuais críticos, que encontram no Serviço Social libertário, e suas concepções liberais e conservadoras, exemplos destes reflexos sobre a profissão, alterando as noções de sociedade, de economia e de cultura. A influência da tradição marxista na profissão é o núcleo central do embate hegemônico, criticado fortemente por esses segmentos, tendo como “interlocutores” de Gramsci, Ludwig von Mises, Milton Friedman e Olavo de Carvalho.

Neste embate, iniciamos por não aceitar os termos marxismo cultural e gramscismo, pois foram elaborados pelos conservadores para desqualificar as elaborações do comunista sardo Antonio Gramsci. Nos colocamos firmemente no campo crítico, de onde podemos obter os

estratos da filosofia da práxis para manter o legado da Intenção de Ruptura e seguir como intérpretes da hegemonia, conforme salienta Adriano (2020) e, mais ainda, como legatários do processo de renovação profissional, que ao passar pelos abalos da disputa hegemônica, segue aprofundando o diálogo com Gramsci (2004a). Sigamos, portanto, o trajeto legado por ele: realizar a crítica das correntes filosóficas existentes, tecendo inclusive, uma crítica aos costumes da época, utilizando o método filológico com seus opositores, dando-lhes, como ensinou o autor, expressão teórica, mas sobretudo política, dos reais interesses econômicos-sociais que representam nesta disputa.

Referências bibliográficas

- ADRIANO, A. L. *Hegemonia e Serviço Social: Significações Ético-Políticas do Projeto Profissional em debate*. 2020. 187 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9158086. Acesso em: 10 maio 2025.
- BOUCHEY, L. F.; FONTAINE, R.; JORDAN, D. C.; SUMMER HIJO, G. *Documento Santa Fe II: Una estrategia para América Latina en la década de 1990*. [Bolívia: s. n.], 1988. Disponível em: https://www.oocities.org/proyectoemancipacion/documentossantafe/documentos_santa_fe.htm. Acesso em: 10 jun. 2025.
- COSTA, I. C. *Dialética do Marxismo Cultural*. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2020.
- COUTINHO, C. N. *Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COUTINHO, C. N. *O Estruturalismo e a Miséria da razão*. Posfácio de José Paulo Netto, 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- COUTINHO, S. A. A. *A revolução gramscista no ocidente: a concepção revolucionária de Antonio Gramsci nos cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Estandarte Editora E.C., 2002.
- DEMIER, F.; HOEVELER, R. (org.). *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere: caderno 7 (VII): 1930-1932: notas sobre filosofia II e miscelânea*. Tradução Ana Maria Said, Marcos Aurélio da Silva. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024b.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere: caderno 8 (XXVIII): 1931-1932: miscelânea e notas sobre filosofia III*. Tradução Giovanni Semeraro, Rodrigo Lima. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024a.
- LACERDA, M. B. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- MOTA, A. E.; RODRIGUES, M. Legado do Congresso da Virada em tempos de conservadorismo reacionário. *Revista Katálisis*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 199-212, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/c3GHp8JjbZ9hqfc3q3YY8GP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2025.
- PAULO NETTO, J. *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

- PAULO NETTO, J. Transformações societárias e serviço social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 50, p. 87-132, abr. 1996.
- SANTOS, R. A. Produção de conhecimento em Serviço Social: uma aproximação às categorias de Antonio Gramsci. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 16., 2018, Vitória, ES. *Anais [...]*. Vitória, ES: UFES, 2018. p. 1-17. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23429/16144>. Acesso em: 10 maio 2025.
- SILVA, E. A. “Gramscismo” e “Marxismo Cultural”: os novos objetos de disputa de hegemonia. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL ANTONIO GRAMSCI, 3., 2022. São Luís, MA. *Anais [...]*. São Luís, MA: *International Gramsci Society Brasil* (IGS-Brasil), 2022. p. 250-261. Disponível em: <https://eventos.ifg.edu.br/gramsci/wp-content/uploads/sites/71/2022/10/Anais-do-III-Col%C3%B3quio-Internacional-Antonio-Gramsci.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- SILVEIRA, J. R. S. da. Contribuição para pesquisa do conservadorismo ultraliberal na redefinição de projetos profissionais: a “nova” direita vai ao serviço social. In: COLÓQUIO MARX E O MARXISMO 2019: MARXISMO SEM TABUS - ENFRENTANDO OPRESSÕES, 2019, Niterói, RJ. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: NIEP-Marx. 2019. p. 1-28. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MM/MM2019/AnaisMM2019/MC47/MC472.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.
- SIMIONATTO, I. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2004.
- ZAMBELLO, A. V.; SILVA, I. H. de M., DI CARLO, J. Olavo de Carvalho e a guerra cultural das novas direitas: Entrevista com Álvaro Bianchi. *Revista Em tese*. Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 67-79, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/83706>. Acesso em: 7 mar. 2025.